



MÁXIMO GORKI

A luta de uma mulher
pela liberdade e pela justiça.
O despertar de uma vida
de medo e ignorância.

ANIMAE

Prefácio de
José Milhazes

CLUBE DO AUTOR
EDITORA

O «Novo Evangelho» de Máximo Gorki

«Livro muito oportuno.»

Vladimir Lênine

O romance *A Mãe* é, talvez, uma das obras mais misteriosas e enigmáticas do escritor russo/soviético Máximo Gorki (1868-1936).

Este livro veio-me ter às mãos quando acabava de aderir à causa comunista, em 1974, e tornou-se para mim o que já era para muitos milhões: uma espécie de cartilha revolucionária, tal como outros romances soviéticos, a exemplo de *Assim Foi Temperado o Aço*, de Nikolai Ostróvski, ou *A Jovem Guarda*, de Aleksandr Fadeev. Gorki cimentou em mim a necessidade de derrubar a opressão capitalista como única forma de conquistar a liberdade e o bem-estar económico e social. Os heróis principais, Pável e a sua mãe Pelagueia Nílovna, foram para mim um símbolo de que se poderia pôr fim ao círculo vicioso da miséria em que mergulhavam os operários, os camponeses e outras camadas sociais. O principal era despertar o povo, organizá-lo e atraí-lo para a luta revolucionária.

Não por acaso, esta obra foi canonizada na União Soviética (1917-1991), sendo de estudo obrigatório nas escolas, e apresentada como a primeira e uma das obras mais importantes do realismo socialista; Gorki passou inclusive a ser nomeado como «escritor proletário». O resultado foi que o romance *A Mãe* não era olhado tanto como uma obra literária, quanto como uma cartilha que não podia ser discutida, como não se podiam discutir postulados como «o fim do regime soviético».

Mais tarde, porém, após a leitura de outras obras deste e de outros autores russos e soviéticos do início do século XX, tive a necessidade de aprofundar o estudo de *A Mãe* e acabei por descobrir,

também com a ajuda de alguns críticos literários, uma faceta nova para mim: a religiosidade abundantemente presente neste romance.

No fundo, esta obra, não obstante o citado elogio de Vladimir Lênine, primeiro dirigente comunista soviético, nada tem de «realismo socialista», tratando-se mais de uma tentativa de Gorki de escrever um «Novo Evangelho». Este escritor estava entre os intelectuais russos conhecidos pelo nome de «*bogostroitelny*» (construtores de Deus), corrente ético-filosófica no seio do marxismo russo que foi desenvolvida nos anos de 1900 com o objetivo de integrar as ideias do marxismo e do cristianismo devido à forma semelhante como essas doutrinas olhavam para o mundo.

Os leitores soviéticos, na sua esmagadora maioria, tinham dificuldade em descobrir a faceta religiosa desta obra num país onde «Deus não existia» e onde a religião, segundo Karl Marx, era «o ópio do povo». Porém, os leitores para os quais Gorki escreveu o romance no Império da Rússia conheciam, em maior ou menor grau, a doutrina e os valores cristãos e, por conseguinte, tinham possibilidade de descobrir figuras evangélicas por detrás de algumas das personagens desta obra. Só mergulhando o romance *A Mãe* num contexto evangélico é possível compreender porque é que Pável Vlássov, a determinada altura, traz para casa um quadro com o episódio evangélico «Cristo a caminho de Emaús».

Um dia, trouxe consigo um quadro, que pendurou na parede. Representava três personagens, que, conversando, caminhavam com leveza e determinação.

— É o Cristo ressuscitado dirigindo-se para Emaús! — explicou Pável.

A mãe gostou do quadro, mas pensou: *Respeitas Cristo, mas não vais à igreja...*

Pável leva esse quadro para a pobre cabana quando começa a sua transformação espiritual de simples operário em revolucionário, mas, para Gorki, trata-se da evolução de um homem que não acredita num crente. Só que a religião de Pável não tem nada a ver com o cristianismo tradicional, mas com um «novo cristianismo»: o socialismo, despido de dogmas e da submissão da Igreja ao capitalismo. Ele passa a ser não um simples militante comunista,

mas um líder, ou seja, um dos apóstolos da nova crença. Não é por acaso que tem o nome de um dos mais importantes apóstolos: Pável (Paulo).

Ao contrário do filho, Pelagueia Nílovna sofre uma transformação diferente. Ao contrário do filho, ela é uma crente fervorosa que «abre os olhos» durante o romance: não muda de fé, mas na forma de olhar para o cristianismo, como que passa da ortodoxia para o «novo cristianismo».

Porém, o romance *A Mãe* é uma tentativa de escrever um Novo Evangelho, onde o lugar de Deus-Pai é ocupado pela Deusa-Mãe. Tendo sérias divergências com Deus, o autor coloca no centro das atenções a mãe, a mulher, a misericórdia.

Não se pode desprezar também o facto de este livro ter sido escrito não num momento de ascensão revolucionária, mas da pesada derrota da Revolução de 1905 contra o czarismo. Era necessário manter a chama acesa, mas mudar o eixo revolucionário dos problemas sociais para tarefas mais amplas, como a mudança de mentalidades, o aperfeiçoamento moral da humanidade.

Por estranho que possa parecer ao leitor, o facto é que Máximo Gorki foi o primeiro a não gostar desta sua obra. Escrita nos Estados Unidos, onde esperava angariar dinheiro para ajudar o movimento revolucionário no seu país, e inicialmente publicada em inglês, ele considerava *A Mãe* «um livro realmente mau, escrito num estado de excitação e irritação, com intenções de propaganda, depois de 1906. Acredito que ele, até certo ponto, alcançou o seu objetivo, o que, no entanto, não o torna melhor».

A crítica literária da época também recebeu mal esta obra, mas isso não obstou a que se tornasse numa das mais conhecidas criações de Gorki. O grande dramaturgo alemão Bertolt Brecht adaptou-a com grande êxito ao teatro, o mesmo sendo feito pelo cinema soviético. Foi levada ao grande ecrã quatro vezes, nomeadamente por conhecidos realizadores como Vsevolod Pudovkin ou Mark Donskoi.



Para mim, é uma obra que continua muito atual, porque aborda temas importantes como as fortes desigualdades sociais, a necessidade de transformar mentalidades e o tipo de revolução ou de reforma capaz de nos levar aos efeitos desejados, a ambição por um mundo melhor. Todas as «experiências comunistas»

falharam, e uma das razões desse fracasso foi terem enveredado pela via da violência. Este pensamento está presente nas palavras de uma das personagens: Ríbin:

— Curar a morte com a morte, é isso! Isto significa que é preciso morrer para que o mundo ressuscite. E que morram milhares para que ressuscitem milhões em toda a Terra.

Mas pode haver outras vias, mesmo que vivamos em tempos conturbados.

José Milhazes
Pedrógão Grande, 22 de junho de 2023



Máximo Gorki é um dos maiores escritores russos de todos os tempos

O romance *A Mãe* é um daqueles clássicos que marcam a literatura pelo seu carácter épico e pela atualidade, integrando as grandes seleções de obras a não perder:

1000 Romances que Todos Deveriam Ler – *The Guardian*
100 Obras-Primas da Literatura Russa – *Russian Beyond*
Os Melhores Romances Russos de Sempre – *Goodreads*
1001 Livros para Ler antes de Morrer

Um livro apaixonante e surpreendente sobre o anseio de emancipação, capaz de superar o medo e a repressão.

Marcado por um estilo direto, este romance revela uma extraordinária capacidade de provocar no leitor um desejo sem limites pela liberdade e pela justiça.

«Um livro que vai encantar os leitores modernos tanto pelo seu significado histórico como pelo valor intrínseco enquanto obra artística.»

The Telegraph

«Reler *A Mãe* foi uma experiência surpreendente.»

The Spectator

«Entre 1898 e até à sua misteriosa morte, Gorki foi o mais famoso e aguerrido romancista russo, tanto na Rússia como no mundo exterior.»

The New York Review

ISBN-13: 978-989-724-689-0



9 789897 246890

Coleção Os Livros da Minha Vida

КОЛО СОБЕТСКИХ СОЦИАЛИСТИЧЕСКИХ РЕСПУБЛИК
ГОСУДАРСТВЕННОЕ ГОС. ИЗДАТЕЛЬСТВО
ДАКЛУМ И КОБЕТСКОЕ



ПРАВА

ЪДЕ
ДАНТ
ІРЪ